

Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação

Ana Lucia Martins Soares (Ana Achcar)

UNIRIO

Palavras-chave: Formação Palhaço/Ator Hospital

É possível formar o palhaço de hospital? Como? Do que precisa saber? Quanto tempo necessita para atingir seu objetivo? Na tentativa de pensar essas questões, propus uma estrutura de capacitação para o palhaço de hospital que se estruturou a partir da experiência das ações empreendidas entre 1999 e 2007 no Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa *Enfermaria do Riso*¹, criado em 1998 na UNIRIO, com o intuito de promover a atuação de estudantes do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas da Escola de Teatro como *enfermeiros-palhaços*, no serviço pediátrico do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

A partir dos estudos desenvolvidos no meu doutoramento em Teatro², configurei a premissa de que para atuar em ambiente hospitalar não basta a formação atorial do palhaço, mas impõe-se uma especialização, com práticas e conhecimentos específicos, testados em ambiente real e avaliados sistematicamente. Fora algumas exceções como, por exemplo, o Programa Doutores da Alegria que realiza audições formativas para atores/palhaços profissionais, no Brasil, em geral, essa experiência de formação do palhaço de hospital é informal ou inexistente³.

O palhaço precisa se formar, se preparar e escolher, sobretudo escolher, como uma forma de atuação profissional, o trabalho com crianças no hospital. O ator que escolhe o palhaço para atuar num hospital, está definindo uma linguagem artística como instrumento para se relacionar

¹ Registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e Estudantis, o Programa desenvolve ações nas três instâncias da formação em nível de 3º grau: a extensão, o ensino e a pesquisa. O estudante de teatro, após seguir capacitação específica, cursando disciplinas optativas inscritas na grade curricular do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas, atua como palhaço nas instalações pediátricas do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle da UNIRIO e do Instituto Fernandes Figueiras da FIOCRUZ. São atuações semanais, duas vezes pela manhã no HUGG e uma vez à tarde no IFF, de março a dezembro. O Programa atinge e mobiliza 800 pessoas por mês, entre pacientes infantis, parentes e acompanhantes, e equipe de Saúde e estudantes de teatro. No âmbito da pesquisa, além de apoiar essa averiguação de um método de capacitação para o palhaço de hospital, o Programa ainda é base para investigações que dizem respeito à dramaturgia do palhaço de hospital e ao papel do exercício da linguagem do palhaço para a formação do ator.

² Tese defendida em dezembro de 2007 na UNIRIO sob a orientação da Profª Drª Ana Maria Bulhões e cujo título é o mesmo desta comunicação.

³ O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Doutores da Alegria realizou em 2002 um mapeamento dos palhaços que estão trabalhando em hospitais no Brasil hoje. De acordo com os resultados deste levantamento, mais da metade dos palhaços não tem formação profissional nesta área e apesar de acharem importante o aperfeiçoamento na linguagem artística, a prioridade absoluta dos seus investimentos é a abertura de novos espaços de atuação em hospitais. Segundo Morgana Masetti (2005: p. 7-10), coordenadora do Centro, existe uma compreensão por parte dos grupos de que este trabalho possa ser desenvolvido por qualquer pessoa sem a devida formação. Assim temos uma gama enorme de palhaços com objetivos diversos, dentro de uma atividade com a mesma denominação.

com o outro. O palhaço se dirige ao que é saudável numa criança que está doente, no intuito de manter vivas as suas possibilidades de criar, de sonhar, de rir. De fato, o mundo do palhaço é bem diferente daquele do hospital, mas seu universo está muito próximo ao da criança. Essa proximidade cria rapidamente uma grande cumplicidade entre eles. A aproximação, num segundo plano, com os médicos e enfermeiros e mesmo os acompanhantes, se dá através da própria criança. A estrutura hospitalar, desde a sua organização espacial setorizada, com suas áreas ambulatoriais, de internação e de tratamento intensivo, até a hierarquização da equipe de Saúde, passando pelo acesso seletivo ao medicamento, está associada à descoberta do corpo humano como objeto de investigação científica. Assim, o palhaço quando traz no seu corpo, e na sua ação, o indício de uma temporalidade e de um lugar diferentes daqueles nos quais ele se encontra, abre um mundo novo no ambiente hospitalar: propõe uma outra lógica, redimensiona lugares, desestabiliza relações estruturadas de poder, estimula a comunicação e chama a atenção para a ligação entre corpo e indivíduo, entre forma e conteúdo, entre exterior e interior, porque movimenta imaginação e crença numa perspectiva física, concreta.

A pesquisa sobre a sua capacitação acabou por certificar o palhaço de hospital como uma modalidade de cômico, emparelhada com a dos palhaços de circo, de feiras, de teatro, bufões, bobos, tolos, os arlequins da *commedia dell'arte*. No caso do hospital, o palhaço porta o branco, embora as cores estejam presentes, estrategicamente escondidas e ao mesmo tempo aparentes, no arranjo que ele faz no seu figurino e seus objetos estranhos e diferentes estão misturados a instrumentos médicos ou sátiras de objetos hospitalares. Não se trata apenas de um ajuste formal. Uma questão importante levantada durante a investigação deste método formativo para o palhaço atuar em hospitais foi justamente como manter, nesse ambiente, a essência da figura milenar e transgressora que o palhaço veicula através da experiência do humor: a liberdade de ser e de criar. Como escapar de produzir uma terminologia taxativa na tentativa de explicar a sua atuação? *Palhaço cuidador, palhaço terapeuta, palhaço de hospital*. A adequação do palhaço ao ambiente não será uma forma de aderência, de absorção do riso como elemento controlador da realidade? Suavizando a força do palhaço, tornando-o uma figura habitual no hospital, não o tornamos também uma presença dispensável?

De fato, a atuação no hospital parece creditar à função do palhaço uma imprescindibilidade que anda na contramão da comercialização do riso e da conseqüente banalização da sua figura, hoje. A instituição hospitalar desperta a força de provocação do palhaço devolvendo-lhe o papel de verdadeira encarnação do festivo, que nos possibilita, a todos, inclusive a ele, o exercício de existência libertadora, que tanto nos falta na vida cotidiana. O palhaço de hospital foge à empregabilidade superficial e desenfreada da comicidade publicitária, e é aproveitado na promoção

de uma idéia de saúde e de bem-estar geral, que está relacionada com a valorização da humanidade nos indivíduos.

É verdade que ao longo do processo de construção do procedimento de capacitação do palhaço de hospital, surgiram dúvidas e dilemas, reforçadas pela dicotomia que opõe a preponderância do cômico na expressão do corpo à insistência de significação do sublime através da palavra. A postura desobediente da figura cômica se atrita com certa domesticação de sua expressão e presença em ambiente hospitalar. Assim, na tentativa de responder às exigências da atuação no hospital e às escolhas metodológicas que é preciso fazer em sala de aula, deparei-me com uma intensa necessidade de reflexão ética acerca do trabalho. A coerência na adoção de princípios do jogo cômico, a transparência na avaliação do aproveitamento do estudante, a responsabilidade na liberdade de ação do artista, chamaram a minha atenção para a construção de um código normativo e prescritivo dos valores e deveres do palhaço de hospital.⁴

Isto não significa que esta proposta de capacitação pretenda fixar um modelo de formar o palhaço de hospital. Trata-se, antes, de uma proposição possível de formação e treinamento profissional. O processo de afirmação de cada palhaço é pessoal e particular, conduzido pelas possibilidades de elaboração da experiência e de amadurecimento do sujeito que o engendra e mesmo que baseada numa prática realizada com um grupo particular de estudantes de teatro desenvolvida em circunstâncias específicas da academia universitária, produzindo resultados que são testados num determinado ambiente hospitalar; a minha intenção é ampliar essa experiência de tal forma que ela possa ser aproveitada como referência por outros palhaços ou grupos de palhaços que se interessem em atuar em hospitais, hoje. Este método não é o único método. É um parâmetro. Um modo de proceder, de operar certos conhecimentos. Além do mais, não há como dominar as forças inconstantes e irregulares do saber intuitivo. Por isso, é necessário trabalhar com uma folga, deixar uma fresta, para que o sujeito possa transgredir as próprias limitações e encontrar seu lugar autêntico e autoral no processo criativo.

Enfim, o trabalho do palhaço no hospital mostra ser possível e desejável a aproximação de dois domínios: o da arte e o da saúde. O palhaço improvisa no hospital. Ele cria e recria o jogo o tempo todo, com seu parceiro, com a criança, com os dois. A improvisação é um exercício que reúne elementos constituintes da arte de atuar, recuperando para o ator a relação entre o risco de se expor e o equilíbrio de encontrar uma forma apropriada de expressão. O palhaço nasce do engano, da deflagração das fraquezas e limitações humanas. Esse processo de formação se torna um duro e ao mesmo tempo belo exercício de se conhecer, de perceber o outro, de descobrir e explorar o espaço como se fosse a primeira vez. O palhaço traz um mundo novo para dentro daquele já

⁴ Utilizei como referência as experiências de códigos de ética de palhaços de hospital do programa *Le Rire Médecin*, da França, e do *Pupaclown* da Argentina.

conhecido, recria lugares, desestabiliza relações estruturadas de poder e estimula a comunicação. O fato de aceitar seu próprio ridículo o libera para transformar o erro em recurso, em possibilidades de mudança. Assim ao conjugar-se o exercício de improvisação, à figura do palhaço e ao universo hospitalar, descobre-se rara contribuição na difusão e na comunicação de um sentido para as relações entre os indivíduos, qualquer que seja a natureza da sua condição, e abre-se caminho para associações complementares além daquela entre o palhaço e a criança, como o riso e a transgressão, o humor e a saúde, a arte e a transformação.

Bibliografia:

BESTETTI, Verônica. O palhaço entre a renovação e a profanação in *Boca Larga Caderno dos Doutores da Alegria* n. 1. São Paulo: Doutores da Alegria, 2005. p. 67-83.

BOLOGNESI, Mario Fernando. Circo e teatro: aproximações e conflitos in *Sala Preta* n. 6: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, 2006. p.9-19.

LECOQ, Jacques. *Le Corps Poétique*. Paris: Actes Sud-Papiers, 1999.

MASETTI, Morgana. Que palhaçada é essa? in *Boca Larga Caderno dos Doutores da Alegria* n. 1. São Paulo: Doutores da Alegria, 2005. p.7-10

SIMONDS, Caroline. *Le Rire Medecin*. Paris: Éditions Albin Michel, 2001.